

O ARQUÉTIPO DO VELHO SÁBIO E A SIMBOLOGIA DA CONCHA EM *A CIDADE SEM SOL*, DE LUCINDA PERSONA

Helen Karen Santos Gomes¹

Marta Helena Cocco²

RESUMO: Este artigo enfoca as contribuições da literatura infanto-juvenil, especificamente do livro *A Cidade sem Sol*, para a formação do ser humano. Com base, predominantemente, em Durand e Jung, identificar-se-á e analisar-se-á a presença do arquétipo do Velho Sábio e da simbologia da Concha, como constituintes da referida obra, de Lucinda Nogueira Persona, relacionando-os aos gestos da protagonista, a fim de evidenciar a participação do inconsciente na elaboração literária e os consequentes efeitos de sentido que a sua leitura pode provocar.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto-juvenil, Antropologia do Imaginário, *A Cidade sem Sol*, Lucinda Persona.

ABSTRACT: This paper focuses the contributions of infant-youthful literature, specifically, in the book titled *The City without Sun*, for the formation of the human beings. Mostly based on Durand and Jung's thoughts, the presence of the archetype of the Old Scholar and the simbology of the Shell, were identified and analyzed as constituent elements of the related book written by Lucinda Nogueira Persona. The relationship of these fundamentals with the gestures of the protagonist was brought in order to reveal the participation of unconscious in the literary elaboration and the effects of meaning that this reading can provoke.

KEYWORDS: Infant-youthful Literature, Anthropology of the Imaginary, *The City without Sun*, Lucinda Persona.

1 Graduada em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas – pela Unemat – Campus Tangará da Serra. E-mail: helenksg@gmail.com.

2 Doutoranda em Letras e Linguística, pela Universidade Federal de Goiânia (UFG); professora de Literaturas da Língua Portuguesa na Unemat – Campus Tangará da Serra. E-mail: martacocco@uol.com.br.

Acreditando que os benefícios da leitura tendem a se intensificar para os que desenvolvem cedo esse prazer e, com o intuito de valorizar e explorar as obras de autores que publicam em nossa região, tomamos por objeto deste estudo o livro infanto-juvenil *A Cidade sem Sol*, de Lucinda Nogueira Persona.

Optamos por analisá-lo à luz da teoria de Gilbert Durand, por acreditarmos que, de modo semelhante ao que fazem os estudos de Psicanálise e Literatura, a Teoria do Imaginário considera, além dos elementos linguísticos e do contexto sociocultural, os sentidos que dizem respeito a uma Antropologia humana – ou seja, não ignora o fato de existirem símbolos, arquétipos e mitos comuns a toda a humanidade, embora modificados pelas condições culturais e históricas – que emanam de camadas mais profundas da mente e expressam-se nas artes.

De acordo com Carl Gustav Jung (2008), a psique humana é constituída por uma camada profunda que configura um depósito de ideias e concepções inconscientemente transmitidas à humanidade por inúmeras gerações. A essa camada chamou *inconsciente coletivo* e às ideias nela contidas, *arquétipos*. O conjunto de imagens que representam esses arquétipos foi denominado *imaginário*, por Gilbert Durand (2002). É do dinamismo do que estes conceitos significam que emanam as criações humanas, bem como as influências aos comportamentos.

Este pressuposto constitui fator relevante para a análise de obras literárias com base nesta teoria, bastante integradora, que permite desvendar, de maneira encantadora, o que está implícito em cada elemento da obra, proporcionando, também, uma melhor compreensão do mundo, à medida que, muitas vezes, suscita reflexão sobre as coisas serem como são, ou compreensão acerca de serem vistas tal como as vemos.

É sabido que a capacidade de criação humana deriva da capacidade de imaginação. Esta, por sua vez, segundo Durand (2002), é consequência de uma *angústia originária* que move o homem a uma busca incessante de encontrar sentido em tudo o que vê, sabe e vivencia, na tentativa de, por algum meio, eternizar-se, uma vez que a passagem do tempo e a consequente morte lhe são de difícil aceitação.

A expressão da maneira de lidar com essa angústia cria uma anastomose (bifurcação, combinação, ramificação) de esquemas, arquétipos e símbolos que, dinamizados no mito, permitiram a Durand agrupar imagens e símbolos por isomorfismos, e dividi-los em dois regimes: o *diurno*, caracterizado pelas imagens que remetem ao enfrentamento da passagem do tempo, e o *noturno*, constituído de imagens que se relacionam ao eufemismo da citada angústia e à aceitação do tempo e da morte como algo natural.

Considerando que a “angústia originária” da qual derivam os símbolos que constituem os regimes de imagens de Durand consiste no medo da passagem do tempo e da morte, a escolha do livro *A Cidade sem Sol*, de Lucinda Nogueira Persona, para a realização deste trabalho, faz-se pertinente, uma vez que sua história – tendendo predominantemente ao regime noturno das imagens – sugere uma concepção de vida cíclica, onde a passagem do tempo e tudo o que ela acarreta, inclusive a morte, devem ser vistos como algo natural e, portanto, aceitável.

Partindo do pressuposto de que os arquétipos são – tal qual Jung os apresenta – ideias, portanto, sem forma, o que podemos identificar são os símbolos que os materializam. Segundo Meletinski (1998, p. 20), Jung entendia por arquétipos

certos esquemas estruturais, pressupostos estruturais de imagens (que existem no âmbito do inconsciente coletivo e que, possivelmente, são herdados biologicamente) enquanto expressão concentrada de energia psíquica, atualizada em objeto.

Em *A Cidade sem Sol*, percebe-se a presença marcante do arquétipo do espírito simbolizado pelo “Velho do Mar”. O livro conta uma história que se passa numa pequena cidade chamada Atlântida, acerca de uma astuta menina, das atitudes que toma e das lições que aprende dos nove aos onze anos de idade, sobre a ordem natural das coisas na natureza enquanto elementos vitais.

Ao passar as férias na tal cidade, onde tudo é lindo e repleto de acontecimentos sobrenaturais, a menina Mariana aprende através de Leandro – conhecido como Velho do Mar – uma mágica que lhe permite brincar com as palavras e com o que elas representam, e isso lhe proporciona grande diversão, que deve ser mantida em absoluto segredo.

Um dia, maravilhada com o crepúsculo, Mariana decide, com as palavras mágicas, encantá-lo para que possa observá-lo por mais tempo; no entanto, esquece-se de desfazer o encanto para que o lusco-fusco torne ao seu tempo habitual de duração. Retorna para sua cidade e, pelo que deveria ser apenas uma brincadeira, deixa Atlântida desprovida da luz do sol por longos dias.

Ao se dar conta de que havia se esquecido de desfazer o encanto, Mariana se ressentiu. Entretanto, nada pode fazer, pois, como lhe orientara o Velho do Mar, a “brincadeira de encantar as palavras e seus significados” deveria ocorrer cautelosamente, para que graves consequências fossem evitadas.

Mariana acompanhou pelos noticiários, durante o tempo em que estivera fora, tudo o que Atlântida sofria por causa de seu esquecimento, que resultou na ausência do sol – principal distinção entre o dia e a noite. O desequilíbrio ecológico que afetou a vida de animais, plantas e, conseqüentemente, das pessoas que se alimentavam deles; a desordem nas fases da lua, nas estações do ano, no clima da região. Enfim, Mariana percebeu os danos que o funcionamento inadequado de um elemento da natureza pode causar por intervenção humana.

Os habitantes da cidade viveram sob tais condições durante dois anos, até que Mariana para lá retornou, a fim de desfazer sua mágica. Tendo consciência de tudo o que ela acarretara, após arrepender-se e com o auxílio do Velho Leandro, Mariana desencanta a palavra ‘lusco-fusco’ e tudo volta a ser como antes.

Carl Gustav Jung afirma que, frequentemente, quer seja em sonhos ou histórias fantásticas, a figura do Velho aparece como arquétipo do espírito – no sentido de função espiritual na busca por uma sabedoria que transcende o material. “O velho sempre aparece quando o herói

se encontra numa situação desesperadora e sem saída, da qual só pode salvá-lo uma reflexão profunda ou uma ideia feliz [...]” (JUNG, 2008, p. 214).

Jung acredita que o Velho diz ao herói o que ele poderia ter pensado por si só, mas não o fez, representando, assim, uma reflexão útil e concentração de forças morais e físicas que, segundo o teórico, realizam-se no espaço psíquico extraconsciente de maneira espontânea, quando já não se pode ter um pensamento consciente.

Trata-se, numa anamnese desse tipo, de procedimento útil, cuja meta é reunir todas as virtualidades do indivíduo no momento crítico [...]. Ninguém vai ajudá-lo nessa tarefa e ele deverá contar apenas consigo mesmo. Não há recuo possível, este entendimento dará a necessária determinação ao seu comportamento (ibid., p. 215).

Em *A Cidade sem Sol*, é pela orientação do Velho do Mar que Mariana decide manter o segredo para que a mágica não se torne irreversível, “[...] não poderá revelar nada a ninguém. Se falar, os poderes se perdem e tudo se complica” (PERSONA, 2000, p. 18); é ao recordar-se de seu pedido de cuidado ao brincar com as palavras que ela reflete sobre o que fez e compreende a gravidade do que passa a acontecer: “— Mariana, tome cuidado, não exagere! — recomendava o Velho do Mar” (ibid., p. 21); e é em sua casa que ela encontra todo o necessário para desencantar a palavra e trazer de volta a normalidade à Atlântida, quando já não se podia vislumbrar outra solução. “O velho mágico certamente tivera necessidade de se ausentar e deixara lá o instrumento de salvação” (ibid., p. 38). São noções e atitudes que uma criança entre nove e dez anos não tomaria sozinha, mas a sabedoria do Velho do Mar a instiga a tomar.

Jung (2008, p. 217) ressalta que a intervenção do Velho constitui “a objetivação espontânea do arquétipo”, e que isso se faz importante se considerarmos que a vontade consciente é incapaz de unificar a personalidade de maneira que se obtenha êxito, daí a necessidade de inter-

venção objetiva do arquétipo, que deverá equilibrar a reação totalmente emocional por meio de confrontos e conscientizações internos.

O Velho representa, por um lado, o saber, o conhecimento, a reflexão, a sabedoria, a inteligência e a intuição e, por outro, também qualidades morais como benevolência e solicitude, as quais tornam explícito seu caráter ‘espiritual’ (ibid., p. 218).

Jung não deixa de lembrar que todos os arquétipos – inclusive o do espírito – têm caráter positivo e negativo e explica que isso pode se dar, inclusive, por questões heurísticas, motivo pelo qual, sempre que é apresentado de modo “modesto” e “ingênuo”, deve-se atentar para o contexto. Exemplifica tais considerações com um conto no qual um menino perde um animal e necessita fugir, sendo encontrado e ajudado por um velho após perder-se. Para Jung, pode-se levantar a hipótese de que, nesta história, o próprio Velho Sábio tenha provocado a perda do animal para que o menino pudesse aprender o que necessitava a partir das consequências de tal feito, se essa fosse a única maneira de fazê-lo. “Assim, o velho tem um caráter ambíguo [...]” (ibid., p. 223).

Em *A Cidade sem Sol*, o mesmo pode ser observado. É o próprio Velho do Mar quem ensina à Mariana a mágica causadora de tamanha catástrofe. “Hoje, quero lhe ensinar uma grande brincadeira, pois você é curiosa e está sempre querendo explicações sobre novas palavras” (PERSONA, 2000, p. 18) – embora seja também quem lhe orienta e auxilia na solução do problema – possivelmente para que a menina aprendesse por si mesma, por exemplo, que os elementos da natureza não devem ter seu funcionamento alterado pelo ser humano, porque isso pode acarretar consequências negativas para todos os seres vivos, bem como que suas brincadeiras devem ser feitas de maneira responsável.

“O arquétipo do espírito é certamente caracterizado como sendo capaz de efeitos tão bons quanto maus, mas depende da decisão livre, isto é, consciente da criatura humana que o bem não se deteriore em algo satânico” (JUNG, 2008, p. 247). Foi o que ocorreu com Mariana.

Consciente do mal que causara, tentou repará-lo o mais rapidamente que pôde. Esse tipo de história é muito importante para a criança se conscientizar da importância de se ter boas intenções e respeito pelo próximo. Trata-se de exemplos que acabam sendo internalizados, contribuindo, assim, para a formação da personalidade dos leitores.

Tudo o que estudamos sobre o arquétipo do espírito representado pelo Velho do Mar ganha ainda mais relevância se pensado em relação à simbologia da concha. Gaston Bachelard 1988, em *A Poética do Espaço*, dedica um longo estudo a este símbolo, considerando a “concha-casa” como o espaço onírico e a porta de entrada para questões existenciais. Contrapondo a concha à simbologia do ninho, por exemplo, o pensador chama a atenção para o fato de o primeiro se referir à imagem de uma casa que prepara o ser para uma vida independente, enquanto a concha, em vez de remeter ao gesto de sair ou de voar, remete ao gesto da interiorização. A “concha-casa”, portanto, é o lugar de segurança e garantia para os seres que nela habitam.

Não por acaso, o Velho do Mar, que representa a sabedoria na história, possui uma cabana toda decorada com conchas em seu interior. É consenso que ninguém chega à sabedoria sem passar por um processo intenso de autoconhecimento e de interiorização. Nada mais coerente do que a cabana possuir uma grande identificação com o seu morador:

A cabana do Velho do Mar, por fora, era comum, coberta de folhas secas de uma palmeira local. O seu interior, porém, era diferente. Mariana demorou um segundo para descobrir. As quatro paredes que limitavam a pequena sala eram de um rosa vivo, radiante, como ela nunca vira.

Refeita da surpresa, Mariana pôs mais sentido àquelas paredes que não eram lisas. Percebeu que estavam todas forradas de conchas. Viu que a mesa, bancos, cama e outros objetos também eram formados pelas luminosas conchinhas (PERSONA, 2000, p. 37).

Pensada como casa, a concha nos faz pensar no molusco que a habita. Bachelard atenta para o fato de esse molusco não construir a casa

para viver, mas viver para construir a casa. Assim, a casa é, ao mesmo tempo, sua segurança e sua sobrevivência. O gesto de construir, de estar dentro, de voltar-se para dentro, é um gesto de crescimento interior muito importante, pois “a vida começa menos se lançando para a frente do que voltando-se sobre si mesma” (BACHELARD, 1988, p. 178). Ainda pensando no ser habitante da concha, que está escondido, não podemos deixar de mencionar a curiosidade que ele nos desperta. Ao despertar nossa curiosidade, pois não o vemos, desperta também nossa imaginação e, nesse sentido, a concha também é símbolo de devaneio e sonho. Ora, no final da história, o narrador nos revela que tudo não passara de um sonho de Mariana. E o que são os sonhos, senão sinais do nosso inconsciente? Portanto, o sonho de Mariana advindo do seu inconsciente, que tomou forma de narrativa, tem um significado muito especial. Através dos sonhos e dos devaneios também crescemos, também aprendemos e, por mais que muitos os desprezem, são componentes importantes da formação do ser humano.

À medida que crescem nossas experiências oníricas e imersões ao interior, crescemos como pessoas. Esse crescimento nos fortalece e nos projeta para o mundo.

O pó mágico – responsável pelo encantamento e pelo desencantamento que foi o resultado da aprendizagem de Mariana através do sonho – é oriundo da trituração de uma concha, não uma concha qualquer, mas uma concha rosa. Essa cor também tem um significado importante, pois é mais um índice da presença do feminino que possui uma relação muito íntima com o inconsciente. Não bastasse, a própria concha encerra um simbolismo feminino. No *Dicionário de Símbolos*, encontramos estes significados:

A concha, evocando as águas onde se forma, participa do simbolismo da fecundidade própria da água. Sua forma e sua profundidade lembram o órgão sexual feminino. Seu conteúdo ocasional, a pérola, suscitou, possivelmente, a lenda do nascimento de Afrodite, saída de uma concha. O que confirmaria o duplo aspecto, erótico e fecundante do símbolo. [...]

Retomando a mesma linha simbólica os astecas chamam Teccaciztecatl, o da concha, ao seu deus-Lua, cuja representação que significa nascimento, geração, é a de um útero (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2001, p. 269).

A presença do feminino é marcante em toda a narrativa. Além da menina Mariana, a mãe, a avó e a bisavó fazem parte da história, representando as várias gerações da família. No segundo capítulo do livro, na apresentação de uma das casas de Atlântida, encontramos tais personagens:

[...] Numa de suas casas, uma casa branca como todas e de janelas azuis como poucas, passavam férias quatro mulheres cuja morada fixa era em Montessol.

Essas mulheres eram: uma menina chamada Mariana; sua mãe, Lílían; a avó Ana e a bisavó Cíntia. Esta última tinha mais de setenta anos, e muita disposição (PERSONA, 2000, p. 13).

Pela presença do arquétipo do Velho do Mar, representando o espírito, e da simbologia da concha, representando o feminino e a fecundidade, temos a união da *anima* e do *animus*, princípios do feminino e do masculino, descritos por Jung. Essa união representa o equilíbrio a que se chega pela experiência e pelo conhecimento. Em *A Cidade sem Sol*, embora nosso recorte tenha se detido nesses dois aspectos, temos uma infinidade de imagens que, em vez de simples elementos, fazem parte de um rico imaginário.

Para Bachelard (1988, p. 184), “as coisas simples são, muitas vezes, complexas”. Isso quer dizer que a natureza tem muito a nos ensinar, ou seja, “resolvendo os pequenos problemas, aprendemos a resolver os grandes” (ibid., p. 197). Essa é a grande aprendizagem da personagem Mariana nesta história.

Assim como os efeitos que as narrativas infantis surtem no plano do inconsciente de seus leitores ou ouvintes, podendo contribuir para sua formação – principalmente no que se refere a lidar com seus conflitos

internos e à integração de sua personalidade –, o conteúdo do inconsciente coletivo, onde residem os arquétipos, símbolos e imagens, pode contribuir para o mesmo fim, uma vez que configura modelos inatos que servem de matriz para o desenvolvimento da psique. Neste processo, a participação das narrativas infanto-juvenis torna-se importante pela necessidade de experiências reais, para que esses arquétipos sejam expressos e transmitidos de maneira a se tornarem conscientes, já que essas histórias configuram uma expressão da capacidade humana de imaginar.

Este trabalho confirma a premissa de que a literatura – em especial as narrativas infanto-juvenis – é uma valiosa contribuição para a formação do ser humano, especialmente durante a infância. As investigações no campo da teoria do imaginário, mais do que elucidar aspectos da estrutura da narrativa, revelam conhecimentos que estão nas camadas mais profundas do texto.

Em *A Cidade sem Sol*, temos a história de uma menina que, através de um sonho em que estavam presentes o arquétipo do Velho Sábio e o símbolo da concha, entre outros, aprendeu que o tempo não pode ser detido e que a ciclicidade faz parte da natureza.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MELETÍNSKI, E. M. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- PERSONA, Lucinda Nogueira. *A cidade sem sol*. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2000.